

**A EDUCAÇÃO FÍSICA NAS SÉRIES INICIAIS:
PARALELO ENTRE 15 ANOS**

CANFIELD, Marta de Salles

RESUMO

Este trabalho, réplica de Canfield (1984), objetivou diagnosticar as atividades físicas nas primeiras séries do I Grau, nas escolas de Santa Maria, RS, Brasil. Verificou-se que as aulas quanto a frequência, duração, locais e materiais apresentam semelhanças. A atuação do professor quanto ao planejamento, estrutura das aulas e exigência na execução das tarefas diminuiu de frequência, aumentando a participação dos alunos em criar atividades e jogos, diversificar uso dos materiais e livre escolha de grupos, inferindo-se que os atuais professores ministram aulas numa linha menos centrada no professor. Mas tem que se ter cautela nesta afirmação pois muitos componentes estão relacionados, como a formação profissional (1984 - 36.6% professores de Educação Física para 9.6% atualmente). O tempo de magistério e a idade dos professores aumentaram (72.2% mais de 30 anos, 1/3 mais de 40 anos, fato que em 1984 era 84.8% entre 20 e 40 anos). Buscou-se conhecer a política educacional das redes de ensino quanto a concursos, qualificação docente, importância dada à Educação Física, sendo verificado um incentivo, com aumento de salário, para o professor regente de classe das três primeiras séries ministrar as aulas de Educação Física, a "unidocência". Assim, os concursos realizados destinavam-se ao provimento de professores a partir da 4ª série. Acredita-se que este espaço que o profissional de Educação Física está perdendo lhe pertence, mesmo que o professor regente de classe se empenhe em ter uma ótima atuação pedagógica.

Unitermos: Educação Física Infantil; Formação Profissional; Unidocência.

**PHYSICAL EDUCATION AT FIRST GRADE:
A FIFTEEN YEARS PARALELL**

ABSTRACT

This study based on that done by Canfield (1984) had the purpose of to make a diagnostic on physical activities on the first grade at Schools of Santa Maria, RS, Brazil. It was found that frequency, duration, places and materials of the PE sessions were similar. The teacher activities related to planning, class structure and task requirements had decreased in frequency, on the other hand, had an encrease of students participation to create activities and games, to diversify the utilization of materials and to select groups. It makes possible to infer that the teachers give classes less teacher-centered. That statement must be take with caution because much of those components are related, such as, the professional preparation (by 1984, 36% were Physical Educators and now, just 9,6%). The time of teaching and age shown increament. By looking for a educational policies related to a admission, teacher qualification, importance of Physical Education, was found that teachers who are in charge of all subjects (including Physical Education) got a salary higher to teach Physical Education. So, the admissions of Physical Educators in the first grade is only stimulated just after 4th level. We believe that the space the Physical Educators are loosing is, still yours, even though the “general teacher” will became more qualified.

Unietrms: Phisical education, professional preparation.

INTRODUÇÃO

É inegável a importância do aspecto motor ser trabalhado no decorrer da infância do ser humano. A escola, enquanto meio educacional, é responsável por oferecer à criança oportunidade de uma ótima prática motora, pois ela é essencial, determinante, no processo de desenvolvimento.

Em 1984, por uma situação de engajamento no Mestrado, realizei um diagnóstico das aulas de Educação Física nas séries iniciais, na cidade de Santa Maria, RS, Brasil, como objetivo de minha dissertação. Quinze anos se passaram, marcados por mudanças políticas, econômicas, que repercutiram no campo educacional. Novas linhas de ação foram traçadas, novos enfoques pedagógicos surgiram, sendo alguns colocados em prática.

Quando aconteceu o primeiro diagnóstico, a Educação Física estava

passando por questionamentos quanto ao seu papel na escola, já que a ênfase na aptidão física, na iniciação esportiva, a partir da quinta série, objetivando a busca da descoberta de talentos que pudessem participar em competições internacionais, representando a pátria e conquistando medalhas, não estava alcançando o efeito desejado, assim como maior engajamento da população em atividades esportivas.

A década de 80 é marcada por uma reflexão quanto aos pressupostos da Educação Física, vindo a acontecer uma valorização no ensino da primeira à quarta série, bem como da pré-escola, com ênfase no desenvolvimento psicomotor do aluno.

Paralelo a isto, acontece uma proliferação de debates que desencadeiam o surgimento das primeiras produções, assim como a busca de qualificação dos docentes, alguns indo para o exterior e outros engajando-se nos recém criados cursos de pós-graduação, no Brasil. Como não poderia deixar de ser, tudo isto ocasionou o aumento do número de eventos científicos, maior número de publicações de livros e revistas, como também a circulação de periódicos internacionais.

Em decorrência, acontece uma mudança de enfoque quanto a natureza da área, aos seus objetivos, conteúdos e pressupostos pedagógicos de ensino e aprendizagem. Há a ampliação da visão biológica incorporando as dimensões psicológicas, sociais, cognitivas e afetivas, que levam a um visionamento do aluno como um ser humano integral.

Recentemente, com a aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases (Nº 9.394) em 20 de dezembro de 1996, houve um empenho do Ministério de Educação e do Desporto na elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Fundamental (PCNs), para servirem como um referencial de qualidade para a educação, em todo o país, objetivando, através de sua natureza aberta e flexível, serem concretizados conforme o contexto a serem aplicados, onde está inserida a Educação Física, enquanto área curricular do ensino fundamental e médio.

A Educação Física, nos PCNs – Ensino Fundamental (Brasil, 1997) é entendida como cultura corporal, devendo ser consideradas “suas dimensões culturais, sociais, políticas e afetivas, presentes no corpo vivo, isto é, no corpo das pessoas, que interagem e se movimentam como sujeitos sociais e cidadãos” (p.25).

Aos educadores do movimento humano cabe a tarefa de oportunizar e facilitar um adequado desenvolvimento motor da criança, entendendo-o como um aspecto importante do seu desenvolvimento global, que acontece na interação do indivíduo com o meio ambiente ao desempenhar uma tarefa, de modo que estes fatores não sejam somente influenciados uns pelos outros (interação), mas também modificados (transação) pelo outro (Gallahue e Ozmun, 1998).

E, será que isto está ocorrendo? Está a criança das séries iniciais tendo oportunidades de movimento, organizadas em torno de um objetivo educacional, na escola? A escola, enquanto meio responsável pela educação formal do indivíduo,

não pode continuar atrelada a preceitos antigos, colocando a educação intelectual como sua grande meta educacional.

A Educação Física tem que assumir e desempenhar seu papel no desenvolvimento integral do aluno, pois o conhecimento que o professor de Educação Física tem de seus alunos é amplo já que ele é “uma referência importante para seus alunos, pois a Educação Física propicia uma experiência de aprendizagem peculiar ao mobilizar os aspectos afetivos, sociais, éticos e de sexualidade de forma intensa e explícita...” (Brasil, 1997:24).

Após estes 15 anos, com todo o avanço da Educação Física enquanto área de conhecimento, buscando firmar-se no meio científico, tem-se dúvida quanto a sua prática pedagógica, em como estará acontecendo o fazer pedagógico do professor, pois grande parte dos autores a tem focado sob o enfoque epistemológico. As pesquisas sobre a realidade educacional, sobre como ocorre a aula de Educação Física, quando alvo dos pesquisadores, quase sempre tem sua divulgação em eventos científicos, principalmente em forma de comunicações, ficando em âmbito restrito de conhecimento. E, alguns trabalhos realizados mostram realidades não muito animadoras, marcadas por professores que não planejam suas aulas, que não sabem explicitar seus objetivos, falta de motivação entre os alunos, conteúdos voltados para a prática esportiva, etc.

METODOLOGIA

Este trabalho, uma réplica de Canfield (1984), utilizou como instrumento de coleta de dados um questionário, dividido em duas partes: a primeira relativa aos dados pessoais do professor quanto ao tempo de magistério, faixa etária, sexo, escolaridade e rede escolar em que lecionava as séries iniciais. A segunda buscava conhecer como aconteciam as aulas de Educação Física em relação a frequência semanal, duração, locais onde se realizavam, materiais utilizados, conteúdos desenvolvidos, principais ocorrências e forma de avaliação.

Este questionário, o mesmo aplicado à 295 professores que tinham sob sua responsabilidade ministrar aulas de Educação Física para as séries iniciais em 1983/84, foi recentemente, nos anos de 1998/99, respondido por 115 professores que apresentavam as mesmas características docentes daqueles primeiros. O questionário foi entregue, pela pesquisadora, para os professores nas suas escolas, e posteriormente recolhido, mesmo procedimento adotado em 1983/84.

RESULTADOS

Ao apresentarmos os dados deste segundo diagnóstico, o fazemos

procurando compará-los com o de 1984, fato este que explica as tabelas apresentarem os dados dos dois diagnósticos.

Os professores

Os 115 professores da amostra de 1998/99 pertencem as redes estadual (16.5%), municipal (65.2%) e particular (18.3%) de ensino de Santa Maria, sendo 90.4% professores regentes de classe e somente 9.6% com formação profissional em Educação Física (destes, 98.7% são da particular). Esta situação apresenta diferenças se comparada com 1984, quando havia um equilíbrio entre as redes estadual (38.3%) e municipal (44%), assim como uma grande presença dos professores de Educação Física nestas redes, já que foi encontrado 44.5% na estadual e 46.4% na municipal.

Como decorrência desta diminuição de professores especializados, verifica-se a ausência do professor do sexo masculino (100% da amostra de 1999 é do sexo feminino), nas séries iniciais, apesar de que em 1984 também era pouca a presença do professor homem, pois havia predominância das mulheres (93%), sendo que os 7% restantes eram professores de Educação Física, já que o magistério no ensino fundamental de Santa Maria, como em muitas outras cidades do Rio Grande do Sul, está sob a docência de professoras.

Os resultados obtidos em relação aos dados pessoais dos professores apresentam algumas diferenças quanto a escolaridade, faixa etária e tempo de magistério (Tabela 1).

Tabela 1 – Dados de identificação dos professores pesquisados em 1984 e 1999

1984		1999
295	Professores (n)	115
36.6%	Qualificação Educação Física	9.6%
	Tempo de magistério	
33.2%	menos de 5 anos	9.6%
36.4%	5 a 10 anos	36.6%
13.6%	11 a 15 anos	22.6%
13.6%	16 a 20 anos	15.6%
3.2%	mais de 20 anos	15.6%
	Idade	
6%	menos de 20 anos	-
51.1%	20 a 30 anos	27.8%
33.7%	31 a 40 anos	42.6%
9.2%	mais de 40 anos	29.6%

Em 1999 é mínimo o percentual (9.6%) de professores de Educação Física atuando nas séries iniciais, o que nos permite poder dizer que quem está responsável pela experiência motora, por oferecer oportunidades de movimentos à criança são as professoras regentes de classe, contrastando com 1984 quando mais de 1/3 dos professores eram profissionais de Educação Física.

Este fato não pode ser desconsiderado, pois ele pode vir a ser um fator limitante à sistematização, à existência das aulas de Educação Física nestas séries, sob a luz da qualificação profissional.

Há 15 anos atrás era obrigatório que parte da disciplina “Estágio Profissionalizante” (360 h/a) do Curso de Educação Física da UFSM acontecesse em escolas sob orientação dos professores formadores daquela instituição de ensino, o que não mais acontece nesta década, quando é possibilitado ao estagiário escolher o local onde que realizar o estágio, desde que haja um professor de Educação Física para orientá-lo, no local escolhido.

Sem se ter a menor dúvida, o ingrediente que mais colaborou para a diminuição de professores de Educação Física nas séries iniciais foi a introdução da “unidocência” nas redes estadual (RS) e municipal (Santa Maria) de ensino, quando foi acrescido um valor percentual ao salário do professor regente de classe para que viesse a ministrar todas as disciplinas do currículo, pois quando focalizamos as redes de ensino separadamente, vê-se que hoje, destes 9.6% de Educação Física, 96.1% pertencem à rede particular e não à municipal, que era de 38.5%, ou à estadual, que era de 42.5%, em 1984.

Nos dois diagnósticos, a maioria das professoras regentes de classe (67% em 1984 e 82.3% em 1999) eram licenciadas em Pedagogia ou tinham formação em nível de II Grau – Magistério, sendo encontrado, também, licenciadas em História, Geografia, Letras, etc, o que nos leva a questionar o conhecimento destas professoras em Educação Física.

Nestes cursos tem alguma disciplina direcionada para o desenvolvimento da criança, no aspecto motor? Pelo que se conhece destes currículos, a resposta é simples e direta: não existe. Encontra-se sim, casos isolados, pois entre os quatro cursos de licenciatura na área da Pedagogia nas IES de Santa Maria (UFSM, 1996; UNIFRAN, 1999), foi encontrado somente no curso de Licenciatura em Pedagogia – Séries Iniciais, da Universidade Federal de Santa Maria, uma disciplina denominada “Metodologia do Ensino da Educação Física no Currículo por Atividades”, com uma carga de apenas 60 horas/aula.

Os dados sobre o tempo de magistério mostram um aumento quando comparados aos de 1984, a partir dos 5 anos. Como em 1984 havia estagiários, era esperado de serem encontrados professores com pouco tempo de magistério e baixa idade, já que naquela época o curso de Educação Física tinha duração de três anos.

E, como foram poucos os concursos para professor, principalmente na rede estadual, no decorrer destes 15 anos, é grande a probabilidade de que muitos professores questionados no primeiro diagnóstico, o foram no segundo, o que quer dizer que os 15 anos passaram para eles também.

Consequentemente, atualmente, estas professoras estão com idade superior à 30 anos, na sua maioria (72.2%), sendo que quase 30% delas tem mais de 40 anos de idade, situação que era bem diferente em 1984, quando 84.8% estavam na faixa de 20 à 40 anos.

Outra explicação para estes fatos pode estar na contratação de professores, pois os concursos acontecidos nas redes públicas destinaram-se a alocação de professores no ensino secundário e fundamental, preferencialmente a partir da 4ª série. Mas, vê-se que nas escolas particulares está acontecendo uma preocupação com a Educação Física nestas primeiras séries, já que estão sendo contratados professores para com elas trabalharem.

As aulas

A realidade das aulas não apresentou grandes diferenças nestes 15 anos, em relação a frequência, duração, locais e materiais.

A frequência que predomina nos dois diagnósticos é de duas aulas na semana, conforme verifica-se na Tabela 2.

Tabela 2 – Frequência da ocorrência das aulas em 1984 e 1999

1984	Frequência	1999
11%	1 semanal	16.5%
74.4%	2 semanais	78.3%
11.7%	3 semanais	5.2%
1.1%	às vezes	-
1.8%	nunca	-

É importante ser salientado o fato de que nenhum professor assinalou as alternativas “nunca” e “às vezes” em 1999, bem como o baixo percentual de “três vezes na semana”. Este fato, já em 1984, surpreendeu, o que não deixou de ocorrer agora em 1999, pois a legislação maior, desde 1971, estabelece 150 minutos semanais de aula, em três sessões, preferencialmente em dias alternados. O que aconteceu, no decorrer destes anos, que possibilitou aos professores não cumprirem a lei? Uma das justificativas que seguidamente se ouve para estas aulas não existirem, e se existem, com menor frequência, é o fato do professor regente de classe não ser especializado em Educação Física, de não ter conhecimento específico. Não se pode aceitar esta

justificativa como verdadeira, pois se assim fosse, estaríamos indo de encontro aos dirigentes educacionais, responsáveis pela introdução da “unidocência”, que tal não poderia ter sido feito. Será que eles tem conhecimento dos currículos escolares das licenciaturas feitas pelos seus professores? Será que com a integração da Educação Física, conforme os PCNs (Brasil,1997:15), à proposta pedagógica da escola, os professores regentes de classe serão capazes de elaborar o seu planejamento de forma a “possibilitarem aos alunos terem, desde cedo, a oportunidade de desenvolver habilidades corporais e de participar de atividades culturais, como jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças, com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções”?

A duração das aulas apresenta algumas diferenças quando os dados dos dois diagnósticos são confrontados, de forma parcializada conforme a rede de ensino, apesar de continuar predominando a duração de 40 à 50 minutos, que em 1984 era de 78% e em 1999 é de 60.8% (Tabela 3).

Tabela 3 – Duração das aulas em 1984 e 1999

1984	Duração	1999
1.8%	60 minutos	5.2%
18.4%	50 minutos	26.9%
47.8%	45 minutos	20%
11.8%	40 minutos	13.9%
4%	35 minutos	1.7%
8.5%	30 minutos	7.8%
7.7%	sem tempo fixo	24.5%

Uma diferença que não pode aqui ser desconsiderada é a de aproximadamente $\frac{1}{4}$ dos professores, atualmente, não terem tempo determinado para as aulas de Educação Física, dado este que é ausente na rede estadual mas presente para 32% dos professores da rede municipal e 20% da particular. Este fato pode ser visto de uma ótica otimista, positiva, entendendo-o como um reflexo da ênfase dada desde meados da década de 80 no Construtivismo, na Pedagogia da Expressão e tantos outros nomes que vem recebendo uma tendência pedagógica mais progressista, partindo do contexto e da realidade de cada um. Na rede estadual de ensino, no Governo 87/90 foi introduzido o conceito de Marcos Referenciais, que seriam o ponto de referência para nortear os planejamentos, nas escolas, a partir da sua realidade.

Mas, por outro lado, o fato dos professores não terem tempo fixo para as aulas pode traduzir uma situação de descaso para com estas aulas, quando o professor pode ir para o pátio com sua turma sem ter planejamento, um objetivo traçado, apenas

deixando os alunos soltos, brincando e/ou jogando, mas, que no primeiro problema surgido, retornam para a sala de aula. Isto, no nosso entender, não pode ser caracterizado como uma aula de Educação Física, pois o encontro pedagógico caracteriza-se pela triangulação professor-aluno-objetivo (Canfield, 1996).

Os dois locais onde mais acontecem as aulas continuam sendo o pátio da escola e a sala de aula, conforme mostra a Tabela 4.

Tabela 4 – Locais de ocorrência das aulas em 1984 e 1999

1984	Locais	1999
84%	Pátio	87.8%
50.2%	Sala de aula	41.7%
30.6%	Quadra	27.8%
16%	Pavilhão	6.9%
10.3%	Outros	9.6%
3.9%	Bosque	6.1%
3.5%	Salão	6.9%

Mas quando se considera as diferentes redes de ensino, aparece a particular com percentuais mais elevados que as outras redes para a quadra de esporte (71.4%), para o pavilhão (33.3%) e o salão (33.3%). Isto não nos surpreende pois sabe-se da superioridade de condições de espaço físico das escolas particulares sobre as estaduais e municipais. Nestas últimas, no início desta década foram construídos novos prédios de salas de aula, o que veio diminuir o espaço externo da escola, em muitas delas ficando praticamente sem possibilidade de realização das aulas de Educação Física, nas suas dependências. Mas, em contrapartida, foram construídas quadras esportivas em algumas escolas municipais, só que para serem quase de uso exclusivo das séries mais avançadas. Esta escassez, para não dizer ausência, em alguns casos, de espaço físico, pode ser um fator inibidor para que estas aulas aconteçam, principalmente considerando que elas estão a cargo dos professores regentes de classe, que não vivenciam uma familiaridade com os espaços físicos externos da escola, já que é na sala de aula que acontece o seu fazer pedagógico, diferente do profissional de Educação Física que tem no pátio o seu espaço de aula.

As bolas e as cordas continuam sendo os materiais que mais fazem parte das aulas de Educação Física (Tabela 5).

Tabela 5 – Materiais utilizados nas aulas em 1984 e 1999

1984	Materiais	1999
99.6%	Bolas	97.4%
84.1%	Cordas	89.6%
54.9%	Bastões	29.6%
35.4%	Outros	38.3%
24.5%	Arcos	36.5%
19.8%	Latas	22.6%
7.9%	Pneus	19.1%

Comparando os resultados dos dois diagnósticos vê-se que há uma diminuição no uso dos bastões, ocasionado principalmente pela rede municipal (de 46.6% em 1984 para 20% atualmente) e estadual (de 59.9% para 26.3%), material este que é de baixo custo. Por outro lado, há um crescente uso de pneus, principalmente nas escolas estaduais (de 8.4% para 31.6%) e nas particulares (de 13.5% para 47.6%).

No segundo diagnóstico, na categoria “outros” foram citados pelos professores das três redes, os materiais alternativos, não sendo especificado que materiais seriam estes, e pelos das particulares, plintos, colchões, discos e dardos, materiais que nos trazem uma certa preocupação quanto a maneira como podem estar sendo utilizados com as crianças destas primeiras séries, já que é na rede particular que se encontra a quase totalidade dos professores de Educação Física (81.1%). Estariam eles iniciando, precocemente, os alunos na aprendizagem esportiva?

Acredita-se que uma justificativa para a falta de diversificação do material didático poderia vir pelo viés da qualificação do docente responsável por estas aulas, as regentes de classe, que tem a grande ênfase da sua prática pedagógica nos conteúdos intelectuais, e, por não terem conhecimento sobre desenvolvimento humano, no aspecto motor, por não saberem quem é a criança neste aspecto, o que precisa, que tipo de atividades a serem trabalhadas, não solicita ou confecciona materiais. Assim, pelo grande percentual de incidência no uso da bola, vê-se que elas não abrem mão de seu uso, que por ser altamente relacionado à atividade esportiva, pode desencadear a prática de atividades estereotipadas.

Uma das fontes utilizadas na construção do questionário destes diagnósticos foi “Diretrizes de Implantação e Implementação da Educação Física na Educação Pré-escolar e no Ensino de Primeira à Quarta Séries do Primeiro Grau” (SEED/MEC,1982), atendendo principalmente o item VI, relativo a Orientação Didático-Pedagógica. Estas orientações referiam-se a: serem valorizadas as experiências de movimento em si, não enfatizando a performance; permitir liberdade de movimentos que levem à criação de novos conhecimentos; as atividades físicas

propostas serem adequadas ao nível de desenvolvimento das crianças; estimular o uso de equipamentos e materiais existentes na comunidade e realizar atividades físicas diárias, por 30 minutos.

A partir destas Orientações, foram elaborados catorze indicadores, os quais nos possibilitariam conhecer como se desenvolviam as aulas. Foi pedido aos professores que assinalassem os acontecimentos que ocorriam frequentemente nas suas aulas (Tabela 6).

Tabela 6 – Colocações dos principais acontecimentos ocorridos nas aulas em 1984 e 1999

1984	Acontecimentos	1999
1 ^o	Atividades pré-planejadas	9 ^o
2 ^o	Estrutura rígida da aula	5 ^o
3 ^o	Busca da performance	11 ^o
4 ^o	Ritmo no exercício	7 ^o
5 ^o	Organização dos grupos	1 ^o
6 ^o	Liderança estimulada	8 ^o
7 ^o	Auxílio à colegas	9 ^o
8 ^o	Criatividade com materiais	4 ^o
9 ^o	Integração de todos	6 ^o
10 ^o	Criar jogos e brincadeiras	3 ^o
11 ^o	Ter liberdade de escolha	2 ^o
12 ^o	Demonstrar cansaço	12 ^o
13 ^o	Especialização precoce	13 ^o
14 ^o	Uso de material alternativo	14 ^o

Das catorze ocorrências, quando os dados foram analisados tanto sob a ótica global quanto considerando as redes de ensino em separado, algumas delas ocuparam as mesmas posições, as últimas, nos dois diagnósticos, como: o fato do aluno demonstrar cansaço após um esforço físico intenso; alunos aprenderem e praticarem algum esporte de acordo com as regras oficiais, e brincarem e jogarem com materiais como caixotes, escadas, bancos, bolas de meia e outros deste tipo, respectivamente. Em dois destes aspectos, o do cansaço ao realizar um esforço e o de praticar um esporte com regras oficiais, não é encontrada diferença entre as redes de ensino e nem em relação a formação profissional, o que denota que acontece tanto com professores de Educação Física (que a maioria está na rede particular) como com professores regentes de classe. Que esportes seriam estes praticados pelas crianças? Será que, para estes 11.3% de professores, largar uma bola para os meninos jogarem futebol, seria isto? Estas duas ocorrências, por ocuparem as últimas posições,

nos trazem uma visão otimista destas aulas, podendo ser traduzidas num respeito ao ritmo próprio de cada criança.

Os acontecimentos, de ser estimulado o espírito de liderança e de ser solicitada a ajuda mútua dos colegas para que todos se integrem na turma e/ou para que vençam o medo ao realizarem atividades, ocupam posições próximas nos dois diagnósticos quando as redes de ensino são vistas junto, mas ao separá-las verificase que 63.2% dos professores estaduais disseram estimular o espírito de liderança demonstrado por seus alunos. Será que entre os alunos dos outros professores não há demonstração de alguns serem líderes ou eles não percebem se tal acontece?

Aqui, nas freqüentes ocorrências de aula, acredita-se que é onde reside uma das maiores diferenças entre os dois diagnósticos, pois em 1984 houve uma grande ênfase em acontecimentos que exigiam a presença constante do professor como as aulas serem previamente planejadas por eles; as aulas obedecerem uma rígida estrutura de aquecimento, desenvolvimento e volta à calma; os alunos serem incentivados a executarem um exercício até fazê-lo com perfeição, e os alunos realizarem exercícios num ritmo marcado. Já, no segundo diagnóstico, estes mesmos acontecimentos obtiveram baixo percentual de incidência, predominando aspectos relativos a iniciativa do aluno como poderem se organizar espontaneamente em grupos; terem liberdade para modificar as atividades propostas; inventarem exercícios e jogos e usarem materiais como bola, bastão e cordas de maneiras diferentes das habituais, independente da rede de ensino pesquisada.

Este fato poderia mostrar uma tendência no fazer pedagógico, possibilitando que pudéssemos afirmar que atualmente o ensino está mais centrado no aluno, havendo mais a sua participação no ato pedagógico. Mas será que é isto mesmo que acontece? Gostaria de acreditar que tal fosse possível, mas, por outro lado, nos vem a possibilidade de que tal ênfase possa ser um disfarce para a situação do professor não ter objetivo para a aula de Educação Física, levando as crianças para o pátio e largando-as para que “façam a aula”.

Em 1984, com base na literatura francesa, principalmente as obras de Le Boulch que foram traduzidas e editadas pela Artes Médicas, sobre Educação Psicomotora, buscou-se referencial teórico para conhecer quais os conteúdos que eram trabalhados nas aulas de Educação Física, com estas séries (Tabela 7).

Tabela 7 – Colocações dos conteúdos trabalhados nas aulas em 1984 e 1999

1984	Conteúdos	1999
1 ^o	Esquema corporal	2 ^o
2 ^o	Coordenação	3 ^o
3 ^o	Atividades livres, jogos	1 ^o
4 ^o	Postura	5 ^o
5 ^o	Percepção temporal	4 ^o
6 ^o	Estruturação espaço-tempo	6 ^o
-	Outros	-

Pode-se dizer, a partir destes dados, que a situação em relação aos conteúdos trabalhados em aula, não se alterou nestes 15 anos, havendo apenas trocas nas posições ocupadas, pois os três primeiros se alternaram entre si, assim como os três últimos. Verifica-se um pequeno aumento para a ocorrência de atividades livres e jogos, fato este que acredita-se estar coerente no segundo diagnóstico quando foi verificado de haver menor determinação do professor, tanto para o tempo de duração das aulas, quanto ao uso diversificado dos materiais e a possibilidade de serem criadas atividades de aula.

O fato do “outros” não ter sido assinalado, em ambos diagnósticos, assim como as posições assumidas pelos conteúdos, pode ser interpretado como uma forma de que os professores destas séries, independente dos anos passados, continuam com referencial teórico na linha da psicomotricidade, que aborda o estudo do movimento humano sob uma ótica prescritiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral, pode-se dizer que a realidade nestes 15 anos, não mudou muito em relação as aulas de Educação Física das séries iniciais nas escolas de Santa Maria, RS, Brasil.

Mas, isto não é tão verdade assim, pois ao nos determos nos dados pessoais dos atuais professores verifica-se que todos eles são do sexo feminino, aumento gradativo na idade, conseqüentemente, no tempo de magistério, levando-nos a poder afirmar que a Educação Física, por praticamente não ter professor com formação profissional em Educação Física, está sendo ministrada por professores do sexo feminino, regentes de classe, de idade acima dos 30 anos (72.2%) e dos 40 anos (29.6%), encaminhando-se para a aposentadoria (15.6%).

As aulas continuam apresentando características semelhantes em relação a sua frequência, acontecendo duas vezes na semana, com duração de 40 à 50 minutos, no pátio da escola e na sala de aula, utilizando bolas e cordas.

Um dado que era inexpressivo no primeiro diagnóstico assume relevância neste momento que é o das aulas não terem tempo fixo de duração já que de 7.7% mudou para 24.3%. Este fato pode ter duas interpretações, uma positiva que seria a do professor levar as crianças para a aula de Educação Física sem se preocupar com o relógio, proporcionando-lhes espaço e tempo para usufruírem de experiências positivas de movimento, de aprendizagem. A negativa, neste caso, seria a do professor não dar a devida importância à aula de Educação Física, que qualquer tempo que ela ocupe, está bom.

Entre os catorze “acontecimentos” que foram retirados da literatura quanto a ser possível detectar se as aulas estavam respeitando a criança na sua fase de desenvolvimento em relação a carga de trabalho, aspecto sócio-afetivo e estilo de ensino, foi verificado de haver uma mudança na tendência encontrada em 1984. No primeiro diagnóstico os indicadores que assumiram as primeiras posições mostravam a presença efetiva do professor na condução da aula, de uma maneira que evidenciava uma centralização das decisões quando as atividades desenvolvidas tinham sido previamente planejadas pelo professores (74.5%); a aula tinha uma estrutura rígida de ser dividida em aquecimento, desenvolvimento e volta à calma (70.6%); a busca da performance quando o aluno era incentivado a realizar um exercício até executá-lo bem (65%) e a maioria dos alunos executarem um exercício dentro de um ritmo marcado pelo professor (65%). Já, em 1999, a hierarquia de ocorrência destes indicadores inverte-se, predominando os relativos ao aluno ter liberdade para formar espontaneamente o grupo com quem quer brincar (89.6%); ter liberdade para escolher as atividades que quer realizar (74.4%); inventar exercícios e/ou jogos (68.7%) e poder usar os materiais disponíveis de diferentes maneiras que não as habituais (65.2%).

Os conteúdos desenvolvidos não apresentaram diferença, havendo uma troca de postos, principalmente entre os “exercícios de estruturação do esquema corporal”, “exercícios de coordenação” e “atividades livres e jogos”.

Frente a estes resultados, muitos aspectos podem ser levantados para reflexões, como questões de corporativismo da classe, competência pedagógica, posições assumidas por dirigentes educacionais.

É possível dizer que a Educação Física nas séries iniciais deixou de ser responsabilidade do profissional especializado, para ficar a cargo do professor regente de classe. Sabe-se que estes professores (ou melhor, professoras) tem formação em diferentes cursos de licenciaturas que não privilegiam em seus currículos disciplinas que tratam do aspecto motor do desenvolvimento humano, e, quando as tem, são de inexpressiva carga horária, que sob qualquer ótica de análise que se venha a fazer, seria considerada insuficiente para o entendimento, planejamento e ensino do movimento humano na cultura corporal.

Não gostaria de passar um posicionamento de defesa cega de corporativismo, em defesa da atuação do profissional da Educação Física em todas as séries dos diferentes níveis de ensino, porque o enfoque maior deve recair sobre a competência pedagógica. E, quanto a isto não se tem dúvida alguma que a responsabilidade do ensino da Educação Física, pelos argumentos relacionados à qualificação profissional, parece ser mais adequado de ser atribuída aqueles que têm formação orientada, além da competência pedagógica, para o estudo do movimento humano nas suas múltiplas dimensões. Ao licenciado em Educação Física são proporcionados conhecimentos filosóficos, do homem, da sociedade e técnico dos conteúdos.

É necessário que o professor responsável pelas aulas de Educação Física nas séries iniciais trabalhe todas as dimensões envolvidas em cada prática corporal através das manifestações de jogo, esporte, dança, ginástica e lutas, buscando seus benefícios tanto fisiológico quanto psicológico, explorando as suas possibilidades de comunicação; lazer; expressão de sentimentos, afetos e emoções; cultura; promoção, recuperação e manutenção da saúde (Brasil, 1997).

Cabe aqui, no nosso entender, uma crítica: o profissional de Educação Física participou da elaboração e ajustes dos PCNs, que viriam a ser uma linha norteadora do seu trabalho no primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental, mas lhe é vedada a atuação pedagógica nestas séries, em nome da "unidocência". Enquanto isto, os professores formados em outras licenciaturas, que não a Educação Física, participaram dos PCNs das suas específicas áreas de conhecimento, mas terão que ministrar aulas de Educação Física, para as quais não estão preparados. Será que os dirigentes educadores, responsáveis pela introdução e/ou manutenção da "unidocência" pararam para pensar sobre isto?

E, também, outro aspecto que acredita-se ser relevante, é o de termos vivido nestes últimos 15 anos uma explosão de congressos, de cursos, o que deve (quem sabe, deveria!) ter conscientizado os profissionais da Educação Física sobre a importância das experiências positivas de movimento na vida das crianças. Esta responsabilidade, em primeiro plano, é do professor das IES, formador do futuro profissional da Educação Física, que vivenciou este período marcado pela profusão de eventos científicos e publicações de livros, assim como circulação de periódicos na área. Ele tem que ter levado estes conhecimentos aos seus alunos, futuros professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL** (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF.
- CANFIELD, M.S. (1984). Diagnóstico Situacional da Educação Física nas séries iniciais das escolas de Santa Maria, RS. **Dissertação de Mestrado** apresentada ao CEFD/UFSM.
- CANFIELD, M.S. (1996). Planejamento das aulas de Educação Física: é necessário? In M.S. Canfield (Org.) **Isto é Educação Física**. Santa Maria: JTC Editor.
- GALLAHUE, D.L. & OZMUN, J.C. (1998). **Understanding Motor Development: infants, children, adolescents, adults**. Indianapolis: Benchmark Pub.
- SEED/MEC (1982). **Diretrizes de Implantação e Implementação da Educação Física na Educação Pré-escolar e no Ensino de Primeira à Quarta Séries do Primeiro Grau**. Brasília: MEC.
- UFSM (1996). **Catálogo Geral**. Santa Maria: Imprensa Universitária
- UNIFRAN (1999). **Guia Acadêmico**. Santa Maria: Multipres.